

Universais provincianos? Concorrência e autodefinição entre intelectuais paulistas

QUERIDO, Fábio Mascaro. Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas. São Paulo: Boitempo, 2025. 288

P.

Marco Antonio Bertoldi¹

Graduando em História
Universidade de São Paulo (USP)
marcoantonio_bertoldi@usp.br

Recebido: 16/10/2025

Aprovado: 03/01/2026

O livro mais recente de Fábio Mascaro Querido, *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas* (2024), publicado pela editora Boitempo, vem a público explorar a relação entre os intelectuais paulistas, em especial uspianos², com a esfera política local e nacional. Para isso, empreende um balanço teórico e político do surgimento e alcance dos intelectuais entre 1960 e 1990, ao mesmo tempo que parte desse balanço para compreender a realidade nacional contemporânea. O título, que remete ao trabalho de Roberto Schwarz³ e, por sua vez, à prosa machadiana, não é mera coincidência, já que o livro se propõe a compreender Schwarz em dois movimentos: como parte dessa tradição e como fio condutor da história.

Fábio Mascaro Querido é professor livre-docente de Sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e o livro é resultado da tese preparada para o concurso que lhe garantiu a posição. Um trabalho de fôlego, dividido em cinco grandes capítulos, que busca mapear e traçar as trajetórias individuais ao lado das conjunturas político-econômicas e da estrutura institucional-acadêmica nas quais atuavam, sem perder de vista a aproximação e o distanciamento – teórico e político – de cada autor. A obra do autor é significativa em um contexto em que há uma retomada do passado uspiano à luz de novas interpretações. O livro procura enquadrar através da sociologia intelectual e da economia interna dos textos a atuação de docentes e alunos da Universidade de São Paulo situados a

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Como José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Octavio Ianni, Marilena Chauí, Francisco de Oliveira, Roberto Schwarz e Paulo Arantes.

³ SCHWARZ, R. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977. Referimo-nos ao primeiro capítulo, *As ideias fora do lugar*.

partir do Seminário de Marx, marco histórico atribuído pelo autor, em fins da década de 1950, realizando “um balanço ‘global’ da tradição intelectual paulista” (Querido, 2024, p. 7-8).

O primeiro capítulo, *Uma genealogia intelectual paulista*, procura interpretar a história e a tradição uspiana à luz de um mito formador: o Seminário de Marx, realizado em 1958 e estimulado por uma nova orientação intelectual interessada na interpretação da sociedade brasileira. Como uma obra coletiva, o Seminário produziu uma experiência intelectual singular cujo resultado teve efeitos políticos na vida nacional. Esse novo paradigma, gestado nos quadros do Seminário pela singularidade proposta pela leitura estruturalista da obra de Marx e de outros autores, foi capaz, na perspectiva de Mascaró, de romper com a tradição teórica da inserção do Brasil nos elos da modernidade como uma obra incompleta que poderia ser cumprida caso houvesse esforço nacional, tradição nomeada como nacional-desenvolvimentismo. Nesse sentido, é dessa “[...] *forma de pensar* compartilhada [proposta pelo Seminário], embora nem sempre explicitada, que, como se verá, vão surgir *matrizes* distintas ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990” (Querido, 2024, p. 24).

O segundo capítulo, *A revanche dos paulistas*, explicita a centralidade conquistada pela teoria uspiana produzida nos quadros do Seminário a partir do golpe de 1964, momento em que este demonstrava na prática o que os intelectuais defendiam na teoria: “a inexistência de uma ‘burguesia nacional’ com algum compromisso com um desenvolvimento autônomo e socialmente integrador” (Querido, 2024, p. 43), programa do nacional-desenvolvimentismo criticado pelo marxismo universitário. Nesse sentido, autores como Florestan Fernandes, André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, estes ligados à teoria marxista da dependência, e instituições como a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e o PCB (Partido Comunista Brasileiro), estariam na mira de intelectuais munidos com um novo paradigma de interpretação da realidade brasileira. Esses diagnosticaram nas leituras até então realizadas da obra marxiana um apelo político que impediria a verdadeira compreensão das possibilidades metodológicas que, no entanto, poderiam ser extraídas por meio de uma decifração acadêmica. A nova interpretação seria capaz de superar o impasse nacional-desenvolvimentista ao pretender fazer da teoria acadêmica rigorosa, portanto, científica, a ferramenta de interpretação da nação. Ao mesmo tempo, reagindo aos impasses que a ditadura impôs ao ensino universitário, com a cassação e perseguição de opositores, os intelectuais paulistas se aglutinam em torno do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), que passou a atuar como um “Partido Intelectual” (Querido, 2024), que se fragmentaria nos anos de 1980, tema do quarto capítulo.

No capítulo três, *À procura do Brasil*, o autor reconstrói a trajetória de Roberto Schwarz, desde sua trajetória familiar, marcada pelo estigma de exilado judeu e a importância das influências iniciais, passando por sua inserção no curso de Ciências Sociais até sua conversão para a crítica literária e o autoexílio em Paris. Este último momento é essencial, na interpretação de Querido, na medida em que foi durante sua estada na França que Schwarz pode reorientar as categorias que até então mobilizou e repensar a *forma da formação*, isto é, articulando a sociologia uspiana e a crítica literária para compreender a realidade nacional a partir da obra de Machado de Assis, dando origem ao ensaio *As ideias fora do lugar*, primeiro capítulo da obra já citada do autor. A trajetória pessoal e intelectual do crítico literário teria garantido uma posição singular nos quadros da intelectualidade paulista, permitindo-o construir um esquema interpretativo da realidade nacional capaz de superar os limites do pensamento de seus colegas. Apoiado na crítica literária, Schwarz teria sido capaz de escapar do rebaixamento neoliberal e manter-se crítico a partir de uma concepção teórica que enxerga na negatividade periférica a condição necessária para a compreensão da realidade (Querido, 2024, p. 224 em diante), tornando-se o “*herdeiro herético* dessa tradição intelectual” e crítico de seus colegas (Querido, 2024, p. 12, grifo nosso).

No quarto capítulo, *Anos 1980: a década que não estava perdida*, Fábio Mascaro volta sua atenção para a efervescência política que toma forma com o declínio do “intelectual total”, agora fragmentado em diferentes coletivos, instituições e matrizes teóricas, relacionadas entre si pela origem em comum. Nesse momento, há uma dispersão dos intelectuais em diferentes propostas de resolução do problema da integração nacional nos quadros capitalistas globais. Identifica também uma polarização entre o PT (Partido dos Trabalhadores) e o MDB/PSDB (Movimento Democrático Brasileiro/Partido Social-Democrata Brasileiro), cujos projetos políticos seriam informados pelas teorias produzidas pelos intelectuais. Além disso, é nesse momento que as universidades voltam a ser centros de interpretação nacional com o regresso dos antigos quadros impactados pela ditadura militar. Realiza também uma comparação com o cenário político-intelectual argentino, entendido como próximo do brasileiro. A abertura democrática, nesse sentido, resultou em diferentes expressões político-intelectuais, de modo que o pensamento nacional paulista se abre para outras experiências, como o autonomismo, a social-democracia ou o marxismo reabilitado. Essa efervescência, no entanto, é colocada em questão nos anos 1990.

O último capítulo, *O espectro neoliberal: adaptados e resistentes*, demonstra como “o ‘universalismo’ democrático dos anos 1980 havia se transformado na ‘universalização’ neoliberal dos anos 1990” (Querido, 2024, p. 235). A figura de Fernando Henrique Cardoso é essencial para compreender o

argumento do autor, visto que o criador do marxismo universitário, ao lado de José Arthur Giannotti “[...] se tornava agora presidente do Brasil à frente de uma coalizão liberal-conservadora à qual caberia preparar o país para uma inserção vantajosa no mundo globalizado” (Querido, 2024, p. 207). Assim, o problema da formação, tão caro aos intelectuais paulistas em sua empreitada, entra em crise com a inviabilização global das industrializações retardatárias, restando apenas a alternativa entre adaptados e resistentes. Essa impossibilidade é atribuída a todos os intelectuais paulistas que, sem perceber, compartilhavam dos mesmos pressupostos e ilusões de integração ao capitalismo global. É nesse contexto que, no entanto, identifica uma exceção à regra: Roberto Schwarz. Querido aponta a importância de Schwarz como “uma espécie de autoconsciência dessa tradição intelectual paulista, buscando *salvá-la do conformismo que dela se apoderava*”, tomando sua posição singular como “fio vermelho que atravessa as demais perspectivas” e capaz de descortinar “uma ótica própria para a análise de formação social brasileira” (Querido, 2024, p. 9-10). A posição schwarziana, sustentada também por Paulo Arantes e Francisco de Oliveira, seria singular no contexto da década de 1990 de rebaixamento das expectativas, visto que daria conta de lidar com a problemática posta aos intelectuais – adaptar ou resistir – apontando as insuficiências de seus pares na tratativa deste novo momento histórico. Assim, “o que à primeira vista parece *mera picuinha intelectual pelo direito legítimo ao espólio* se revela, na verdade, *um acerto de contas cujas implicações são também políticas*, uma vez que remetem a visões distintas sobre a modernidade brasileira contemporânea” (Querido, 2024, p. 253, grifo nosso). A questão que fica, no entanto, é quem reivindica esse direito legítimo ao espólio: Schwarz ou o próprio autor?

Essa pergunta surge na medida em que a leitura de Querido acerca das conjunturas nas quais os intelectuais paulistas surgiram e atuaram remete ao posicionamento de Schwarz no que se refere à concepção de prática intelectual concreta possível entre a década de 1960 e 1990. Produzido sobretudo na década de 1990, o diagnóstico de Schwarz aponta que, por um lado, a conjuntura político-econômica que deu sentido à interpretação canônica do marxismo uspiano se desmanchou com o neoliberalismo, apoiado e estimulado por ex-marxistas uspianos; por outro, o pensamento crítico paulista precisava ser revisitado em novas bases, sobretudo a partir da crítica do valor, dos estudos literários e da percepção de que os modelos utilizados até então não dão conta da realidade⁴. A questão que importa aqui não é a veracidade dos diagnósticos produzidos por estes autores, mas compreender como as proposições são resultado de uma concorrência pela legitimidade dos esquemas de

⁴ Essa é uma leitura apressada e sintética para fins de explicação. Ver: SCHWARZ, Roberto. Fim de século. *In*: _____. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a [1994]; _____. Um seminário de Marx. *In*: _____. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999c [1995]; nota seguinte.

interpretação da realidade contemporânea e dos caminhos tanto da política, como da universidade. Fosse uma leitura imanente dos debates, essa demandaria o reconhecimento das categorias que os intelectuais mobilizam em torno da disputa pela autoridade legítima do campo e, nesse sentido, da história do campo. No entanto, o que intenta realizar é uma leitura relacional (Querido, 2025, p. 7), questão que demanda o reconhecimento de que, longe de representar a realidade fidedigna, as categorias nativas são parte de uma disputa em torno da definição das fronteiras e da legitimidade desses mesmos agentes.

Na medida em que a excepcionalidade de Schwarz somente adquire sentido ao se tomar seu diagnóstico como a realidade, confirmando, à vista de um ciclo vicioso, a si mesmo, a distinção schwarziana confere legitimidade à interpretação proposta por Fábio Mascaro. Como resultado, a economia da análise é reduzida aos concorrentes e pares imediatos de Schwarz, de modo que se restringe o pensamento da intelectualidade paulista àquele dos sociólogos uspianos, deixando de lado outros cientistas políticos e historiadores que intervieram no debate, sejam locais ou não; se o projeto era um “balanço ‘global’ da tradição intelectual paulista”, logo em seguida este é restringido aos departamentos de Ciências Sociais e Filosofia da USP que, na análise do autor, estariam expostos a uma “cultura acadêmica” mais radical e rigorosa (Querido, 2025, p. 7), diagnóstico coincidente ao dos agentes analisados. Da mesma forma, condensa a disputa política nacional às figuras paulistas que ascendem à esfera federal via programas partidários e estratégias eleitorais, suprimindo da análise os congêneres locais, universitários ou não, e espaços de reflexão dos outros estados, assim como o próprio campo político que condiciona a contenda. Subscreeve, desse modo, aquela tradição paulista do século XX que atribuiu à província paulista os itinerários nacionais.

Ao extrair os intelectuais das “picuinhas intelectuais” de autolegitimação, no entanto, atribuídas a outros intelectuais, Mascaro retifica um dos lados do debate. O que se observa é como a autodefinição desses intelectuais – com seus mitos próprios – resultou no engendramento de paradigmas que são incorporados como a realidade do campo, de modo que acabam tornando-se lugar comum para além da intelectualidade paulista, como demonstra a centralidade que adquirem nos diagnósticos nacionais, universalizando o provinciano. Na medida em que esses intelectuais procuram se legitimar diante dos pares e de outros agentes, vinculam-se intelectualmente e mobilizam suas interpretações para “acertar as contas” e definir os contornos disciplinares⁵. A constituição de uma tradição intelectual, nesse

⁵ Para um balanço da produção uspiana e as disputas em torno da definição da tradição, ver: CANHADA, Júlio. **O discurso e a história: A filosofia no Brasil no século XIX**. São Paulo: Edições Loyola, 2020; RODRIGUES, Lidiane S. **A produção**

sentido, passa pelo processo de referência e continuidade entre os agentes e suas obras, cujo trabalho de auto-interpretação permite completar, corrigir, retificar, ajustar contas e criar uma identidade comum entre intelectuais, de modo a impor um modo de leitura legítimo da própria história (Bourdieu, 1989, p. 127). Enquanto algumas chaves de interpretação são tratadas como estratégias de autolegitimação, a leitura schwarziana aparece como a realidade por excelência, resultando na ratificação da história intelectual a um dos lados da querela.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Ontologia política de Martin Heidegger**. Campinas: Papirus, 1989.

QUERIDO, Fábio Mascaro. **Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas**. São Paulo: Boitempo, 2025.